

## Quando *Minha Periferia* é aqui: a organização do ambiente e da situação comunicativa

Denise Figueiredo Barros do Prado<sup>1</sup>

### Resumo

Nesse artigo, analisamos uma das emissões da série de entrevistas “*Minha Periferia*”, transmitidos pela Rede Globo, com o objetivo de compreender a organização da situação e do ambiente no desenrolar da interação. Para isso, analisamos os posicionamentos dos interlocutores, a relação que estabelecem com o ambiente em que estão situados e o contexto que atravessa as situações. Discutimos esses elementos a partir dos conceitos de situação, ambiente e contexto de Louis Quéré (1990, 1991, 1997, 2000). Em nossa análise, vemos a emergência de representações sociais sobre as regiões ditas periféricas e processos de atualização e reconfiguração da leitura desses ambientes.

*Palavras-chave:* Situação. Organização da Situação. Ambiente. Contexto. Minha Periferia.

### Abstract

The article analyzes an episode of the Brazilian interview series “*Minha Periferia*” broadcasted by TV Globo in order to understand the interactions of the organization’s situation and its environment. To do so, we analyze the interlocutors’ positions, their relationship with the environment and the situation’s context. We discuss these elements based on Louis Quéré’s concepts (1990, 1991, 1997, 2000) such as situation, environment and context. The article identifies the emergence of peripheral social representations as well as environmental renewing and its reconfiguration.

*Keywords:* Situation. Organization of the Situation. Environment. Context. Minha Periferia.

## 1. Introdução

Não é de hoje que as ciências humanas se preocupam com as relações comunicativas e o momento da produção de sentidos. Muitos estudos desenvolvidos se debruçaram sobre diferentes etapas do processo comunicativo seguindo os fundamentos do modelo linear de comunicação. Em geral, esses estudos se preocupavam ora com a força do polo emissor (em especial, tomando-o como os meios de comunicação); ora com o polo receptor, ressaltando a fragilidade dos receptores diante do poder da indústria da mídia; ora com os chamados canais de transmissão, concentrando-se nos modos de funcionamento dos meios de comunicação (LASSWELL, 1978;

---

<sup>1</sup> Professora do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto. Doutora em Comunicação Social pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Federal de Minas Gerais. E-mail: denisefbp@gmail.com

LAZARSELD, 1978, COHN, 1978).

Em contrapartida, outra vertente de estudos buscava olhar para a globalidade do processo comunicativo, tentando depreender a produção e interpretação dos sentidos como simultâneos e conjugados à ação e posicionamento dos interlocutores (GOFFMAN, 1985; WATZLAWICK, 1983; HALL, 2011; MATTELARD et MATTELARD, 2005).

Ao analisar essas duas perspectivas, o sociólogo francês Louis Quéré, apresentadas como sustentadas, respectivamente, por dois paradigmas que direcionam os estudos da comunicação: o paradigma clássico ou informacional e o paradigma praxiológico ou relacional. Segundo o autor, o primeiro compreende a comunicação como momento de *transmissão das informações*, preocupando-se com a eficácia comunicativa. Ou seja, tenta-se entender o potencial comunicativo das interações a partir do grau de apreensão das informações veiculadas. Neste modelo, supõe-se a existência de um sujeito cognoscente transmitindo saberes para o outro, numa relação unidirecional. Assim, o polo emissor tem como principal objetivo suscitar imagens e estimular representações no polo receptor. Nesta perspectiva, alcançar a efetividade da comunicação depende da coincidência entre as fases de codificação/decodificação das mensagens. Essas mensagens são, então, conjuntos de sentidos transportados entre os polos.

Quanto ao paradigma praxiológico ou relacional da comunicação, defendido por Quéré, a comunicação é entendida enquanto momento de interação. Assim, os interlocutores se envolvem numa relação de mútua afetação, de construção de sentido, e organizam a situação comunicativa por meio do desenrolar de suas ações num ambiente específico e atravessado por um contexto que dá sentido às suas práticas e posicionamentos. Neste paradigma, ambiente e contexto devem ser analisados detidamente, pois fazem parte do processo comunicativo e da produção de sentidos (FRANÇA, 2003; QUÉRÉ, 1991).

Em consonância com essa perspectiva, Quéré (1990, 1997, 2000), propõe o estudo da situação comunicativa em sua globalidade, analisando-a não somente como instante de encontro, mas como um momento em que os interlocutores se posicionam, um em face do outro, num ambiente (tanto material quanto simbólico) e num contexto específico que dá sentido às suas ações. Ou seja, a interação comunicativa é um momento de mútua afetação entre os interlocutores e a produção do sentido é fruto da própria interação e do engajamento na situação.

Adotar essa compreensão globalizante do processo comunicativo incide em mudanças conceituais, bem como em diferentes formas de apreensão metodológica do objeto de estudo. Isso se deve, especialmente, porque ao tomar tal paradigma como fundamento, não se pode fragmentar o processo comunicativo em etapas durante a análise, pois isso implica em perder a dinamicidade e reflexividade das relações comunicacionais. Dessa maneira, neste artigo, propomos a realização de uma análise

da situação comunicativa guiados por uma leitura globalizante da organização desta situação, a partir dos conceitos de situação comunicativa, organização, contexto, ambiente e *affordance* propostos por Quéré.

Mais especificamente, analisaremos os aspectos ambientais e contextuais como participantes da construção do sentido ao longo de uma das emissões da série de entrevistas *Minha Periferia*, veiculada em 2006, pela Rede Globo. Essa emissão foi transmitida no programa Fantástico e fazia parte de um projeto maior denominado *Central da Periferia*. Sua realização se deu em diversas regiões consideradas periféricas no Brasil e foi conduzida por Regina Casé, cujo histórico profissional está atrelado a produções que tratam do cotidiano e das culturas populares. Tal série de entrevistas visava apresentar e valorizar as práticas culturais vivenciadas nas regiões visitadas<sup>2</sup>.

Em nossa análise, buscamos compreender como o posicionamento dos indivíduos em interação, afetados pelo ambiente e pelo contexto que atravessam a relação comunicativa, promovem uma organização da situação particular àquele momento. Neste artigo, a nossa questão é: *como os elementos ambientais ganham relevância, são significados e participam da organização da situação?* Para tanto, julgamos necessário apresentarmos os conceitos de situação, contexto e ambiente.

## 2. Um retorno à situação

A organização da situação, na concepção de Quéré (1997), é resultado da atividade dos interlocutores, sendo um afetado pela presença do outro e ambos pelo ambiente e situados pelo contexto que dá sentido as suas ações. Desse modo, a organização da situação é realizada tanto em função de restrições e necessidades ambientais quando da percepção e reconhecimento do posicionamento do outro. Podemos dizer que a organização é o que torna harmônica a ação dos interlocutores entre si em determinada situação. Mas o quê dispõe os elementos e efetua essa organização? É a ação mesma dos indivíduos diante das condições em que se encontram. Vem daí a necessidade de atribuir centralidade à ação e tomá-la enquanto *ação situada*, afinal as ações dos interlocutores se produzem levando em conta não só aquilo que se processa entre os indivíduos em interação, mas também numa situação específica.

É por isso que Quéré (1997), ao explicar o conceito de ação situada, nos diz que ela é *encarnada* na situação. Encarnar, do latim *incarno*, significa “converter-se em carne”, “materializar-se em”. No entanto, quando encarnar figura como verbo transitivo direto (caso usado majoritariamente pelo autor), ele adota o sentido de “conter em si (algo) como representação ou expressão” (cf. Houaiss, 2002). Isso

---

<sup>2</sup> Para obter uma compreensão mais detalhada sobre o processo de valorização cultural e o panorama cultural contemporâneo e o processo de inserção dos grupos tidos como periféricos nesse cenário, vide a tese de doutorado “Cultura, midiaticização e legitimidade cultural: processos de visibilidade e legitimação das práticas culturais dos moradores de regiões consideradas periféricas no Brasil”, produzida pela autora e defendida no Programa de Pós-graduação em Comunicação Social da Universidade Federal de Minas Gerais em 2013.

# interin.

nos ajuda a entender a força explicativa que a expressão *encarnado* possui: a situação *encarna* a ação, a situação *contém em si* a ação. Ela é articulada pelo ajustamento dos interlocutores entre si, nesse ambiente que os abriga e pelo contexto mais amplo que os envolve, dando pertinência às suas ações. Nas palavras do autor, “dizer que a ação é situada é sublinhar a contribuição da situação e do ambiente na sua determinação” (QUÉRÉ, 1997, p.171).

Desse modo, as ações não são jamais determinadas antecipadamente pelos agentes (nem controladas totalmente por eles e suas intenções), pois não se pode prever nem controlar todos os elementos que compõem a situação. Conforme Quéré,

*Isso quer dizer simplesmente que as coisas e as pessoas, os acontecimentos e as situações, adquirem suas determinações singulares localmente e, para todos os fins práticos, o processo contido de orientação da atividade, de organização das perspectivas, de estruturação do ambiente e de ordenamento do curso da ação, é um processo que mobiliza diferentes saberes, como também um “saber-fazer” ou um “saber-apreender”, que dão a ver o conhecimento que temos das situações e das possibilidades que elas nos oferecem (QUÉRÉ, 1997, p.167)<sup>3</sup> (trad. nossa)<sup>4</sup>*

É a partir de uma leitura da situação que os interlocutores guiam suas ações e estabelecem, simultânea e conjuntamente, a organização dessa situação. Todavia, é importante ressaltar que essa leitura da situação não é mecânica, idêntica para todos os envolvidos: ela é formada por um elenco de saberes, repertórios, compreensões e interpretações tanto do contexto quanto dos elementos ambientais e da capacidade de percepção desses elementos. Desse modo, a leitura das situações é aprendida socialmente e naturalizada. Assim, a organização da situação e o relevo dado a certos elementos que a compõem estão em diálogo com o que é corriqueiramente “lido” em situações semelhantes. Ou seja, ao engajar numa interação, os interlocutores acionam valores e compreensões sobre a vida social e os articulam para elaborar uma leitura perceptiva do ambiente e dos seus pares da interação e, a partir disso, concertam suas ações. É preciso então compreender como se dá essa ação organizadora dos interlocutores e como suas experiências sobre o ambiente em que se encontram tomam parte dessa ação.

---

<sup>3</sup> Todas as citações em francês foram traduzidas livremente pela autora. O original está disponível nas notas de pé de página.

<sup>4</sup> “Cela veut dire simplement que les choses et les personnes, les événements et les situations acquièrent leurs déterminations singulières localement et à toutes fins pratiques, dans un processus continu d’orientation de l’activité, d’une organisation des perspectives, de structuration de l’environnement et d’ordonnement de cours d’action, un processus qui mobilise différents savoirs ainsi qu’un savoir-faire ou un ‘savoir-s’y-prendre’, dont relève la connaissance que nous avons des situations et des possibilités qu’elles offrent”. (QUÉRÉ, 1997, p.167)

### 3. Contexto, ambiente e situação

Na proposta de refinamento conceitual de Quéré, o contexto dá sentido às ações e às práticas sociais e, justamente por isso, ele nos permite compreender a pertinência e propriedade delas. O contexto é dinâmico e acompanha as mudanças sociais; diz de compreensões de uma época que são, de alguma forma, generalizadas, partilhadas. Ele não perdura no tempo, constrói-se no tempo e acompanha suas intempéries. O contexto não tem duração, ele se rearranja e reelabora sua conformação de modo a abrigar e dar coerência aos sentidos que emergem na situação.

Neste quadro, o ambiente é o lugar físico e simbólico em que a situação se desenrola. Ele tem suas especificidades e estruturações, é carregado de elementos e informações a serem apreendidas que somente aparecem à medida que são convocados, percebidos e colocados em relevo no desenrolar da situação que aí tem lugar. Dessa maneira, “a situação se torna visível como que sob uma iluminação, que leva a selecionar os elementos pertinentes do ambiente para tratá-los”<sup>5</sup> (QUÉRÉ, 1997, p.168).

O autor nos diz ainda que, no ambiente, os elementos são dotados de *affordance*, ou seja, uma força de atração, um estímulo à percepção, uma intuição, que perpassa os elementos ambientais (sejam eles objetos, temas, pessoas) fazendo com que sua presença capte a atenção dos interagentes. Essa força de atração altera a organização da situação e pode, inclusive, sinalizar uma ação possível e/ou necessária de ser empreendida<sup>6</sup>.

É claro que é sempre possível negligenciar os elementos fortes, mas no caso desses elementos que nos convocam a tomar posicionamento diante deles, a displicência evidencia certo esforço de apagamento de determinadas temáticas e a tentativa de suprimir algumas problematizações. Assim, o *affordance* tem a força de convocar para a ação ou abstenção, interfere na relação dos pares e faz emergir sentidos e impressões do rumo da interação.

Para fechar o ciclo conceitual, Quéré diferencia os conceitos de contexto e ambiente ao dizer que os elementos do ambiente, ao serem pinçados e tratados pelos agentes, são “contextualizados” e passam a fazer parte da interação. Dessa forma, é pela articulação desses elementos que os interlocutores organizam a situação comunicativa em que se encontram e orquestram uma disposição singular, individualizada, àquela interação. No entanto, não se deve confundir organização do ambiente com organização da situação. A organização do ambiente possui certa estabilidade que nos

---

<sup>5</sup> «La situation apparaît alors sous un certain éclairage, qui porte à sélectionner des éléments pertinents de l’environnement pour la traiter» (QUÉRÉ, 1997, p.168).

<sup>6</sup> O conceito de *affordance* foi criado por Gibson (apud Quéré, 2000) a partir do verbo em inglês *to afford*, que significa permitir, proporcionar, tornar acessível. Esse conceito é utilizado em muitas áreas entre elas psicologia cognitivista, psicologia de ambiente, inteligência artificial, design de interação e desenho industrial. Um exemplo do que seria o *affordance* é o “convite” que uma maçaneta redonda numa porta nos faz de girá-la caso se queira abrir a porta ao invés de abaixá-la como se faria com uma maçaneta de barra horizontal ou o desejo de imprimir um toque leve a um brinquedo de pelúcia, para sentirmos sua maciez, supondo-o delicado.

permite orientar a ação e antecipar e organizar comportamentos diante desse ambiente e do outro par da interação:

*Nós nos movemos dentro de ambientes materiais e simbólicos relativamente estáveis por um longo período: nós podemos assim, para antecipar e organizar nossos comportamentos, confiar em uma certa permanência dos objetos, espaços arranjados e instituições, assim como da identidade das pessoas e dos acontecimentos. É por isso que podemos nutrir nossas expectativas de comportamento com respeito a e nos apoiando nelas para reduzir a incerteza e a complexidade das situações de decisão e de ação. (QUÉRÉ, 1997, 1973)<sup>7</sup>*

Mas essa estabilidade da organização do ambiente não é dada, ela é resultado da organização sensível do ambiente pela sociedade e também está sujeita a mudanças e novas organizações. Assim, a organização da situação decorre da conjugação da organização do ambiente e depende do curso da ação:

*Ele [um modo específico de organização] produz configurações instáveis em uma dinâmica de determinação recíproca da atividade em curso e do ambiente. Essa estruturação é essencialmente comandada pelo jogo de pertinência, que faz com que selecionemos dentro do ambiente um certo número de elementos pertinentes em função das preocupações e centros de interesse do momento da prática. De fato, esse modo de configuração do ambiente faz parte do mundo de estruturações da situação e não se confunde com ele: estrutura da situação e estrutura do ambiente são duas coisas diferentes. (QUÉRÉ, 1997, p.173)<sup>8</sup>*

Dessa forma, embora seja singular, a organização da situação não é independente das formas estáveis de organização do ambiente. A nosso ver, o que se passa é uma atualização das formas sociais de organização do ambiente na interação. Há uma recordação das formas instituídas para ajudar a configurar a situação (com toda sua fluidez e mobilidade) no momento da interação. É a partir da conjugação dessas organizações, das mais fixas às mais instáveis, que se origina uma situação individualizada.

---

<sup>7</sup> “Nous nous mouvons dans des environnements, matériels et symboliques, relativement stables sur un long terme; nous pouvons dire ainsi, pour anticiper et organiser nos comportements, nous fier à une certaine permanence des objets, des espaces aménagés, et institutions ainsi que de l’identité des personnes et des événements. C’est pour cela que nous pouvons nourrir des attentes de comportement à leur égard et prendre appui sur elles pour réduire l’incertitude et la complexité des situations de décisions et d’actions” (QUÉRÉ, 1997, p.173)

<sup>8</sup> “Il produit des configurations instables dans une dynamique de détermination réciproque de l’activité en cours et de l’environnement. Cette structuration est essentiellement commandée par le jeu de la pertinence, qui fait que nous sélectionnons dans l’environnement un certain nombre d’éléments pertinents en fonction des préoccupations et des centres d’intérêt d’un moment de la pratique. En fait, ce mode de configuration de l’environnement fait partie du mode de structuration d’une situation et ne se confond pas avec lui: structure de la situation et structure de l’environnement sont deux choses distinctes” (QUÉRÉ, 1997, p.173)

#### 4. Informação: ação e percepção

Quéré, ao propor uma volta à compreensão da situação e do ambiente como componentes da situação, destaca a necessidade de se olhar para a ação dos sujeitos no mundo e como eles se constituem nesse local. Para isso, parte-se da compreensão de que a apreensão de informação não é natural, transmissível, nem resultado de operações neutras de captação: é resultado da ação sensível dos sujeitos no ambiente. Essa ação sensível dos indivíduos não é sensorial, mas perceptiva e, por isso, é fruto de uma atividade de captação que busca interpretar e encontrar regularidades nos fenômenos do mundo. A atuação do *affordance* aparece quando algum elemento ambiental ganha relevo e passa a fazer parte da situação, afetando o posicionamento dos atores e a organização da situação. A evidência de que os elementos foram “percebidos” é justamente essa atividade de contextualização, realizada no momento de apreensão, e a especificação que esses elementos ambientais recebem de acordo com a situação única em que se encontram.

Logo, a informação extraída do ambiente é participante da organização da situação, pois ao ser percebida e tornar-se manifesta aos interlocutores, essa informação acaba por alterar e promover a reorganização da situação e o redirecionamento do curso da ação. Com isso, ressalta Quéré, quebram-se as concepções de que a informação é transmitida e de que o ambiente da interação não faz parte da construção discursiva:

*[a comunicação] não é transferência de informação, se é verdade que a informação participa da invenção de uma organização e é da ordem do acontecimento, e que uma operação de organização e um acontecimento não são o tipo de coisa que pode ser transferida, transportada ou transmitida. Se a comunicação não transmite nem significações nem informações, o que ela faz então? Ela “socializa surpresas”, nos responde, acertadamente, Luhmann. Pois, o que se passa na comunicação social é mais um processo de normalização das informações que um processo de transmissão (QUÉRÉ, 2000, p.353-354).<sup>9</sup>*

É nessa arena móvel instaurada pela interação que há a possibilidade de sublinhar elementos que antes estavam obscurecidos (ou passavam despercebidos) e percebê-los de outra forma, alinhavar contextos ainda não articulados, produzir novos sentidos e promover uma organização da situação diferenciada. É assim que o surpreendente acontece: quando a situação convoca para outra experiência da interação e outra leitura dela mesma, agindo sobre o posicionamento dos atores, vemos mover as organizações instituídas e dominantes e percebemos os indivíduos agindo no e sobre o mundo material e simbólico que os cerca.

---

<sup>9</sup> Elle n'est pas transfert d'informations, s'il est vrai que l'information participe à l'invention d'une organisation et un événement ne sont pas le genre de choses que l'on peu transférer, transporter, transmettre. Si la communication ne transmet ni significations ni informations, qu'effectue-t-elle donc? Elle 'socialise les surprises', nous répond, à juste titre, Luhmann. Car ce qui se passé dans la communication sociale est beaucoup plus un processus de normalisation d'informations qu'un processus de transmission" (QUÉRÉ, 2000, p.353-354)

Vamos agora compreender um pouco do contexto que atravessa o surgimento da série de entrevista *Minha Periferia* e de sua estrutura para focarmos numa das emissões e realizarmos a análise.

## 5. A situação, o ambiente e o contexto: o Minha Periferia

A série semanal de entrevistas *Minha Periferia* foi veiculada na Rede Globo, como um quadro do programa dominical *Fantástico*, entre julho e dezembro de 2006. Ao todo, foram exibidos 25 episódios, cada um com cerca de 10 minutos. Essa série de entrevistas é um segmento de um projeto maior denominado *Central da Periferia*<sup>10</sup>, cuja proposta era organizar quatro *shows*, um a cada mês, nas regiões consideradas periféricas de São Paulo, Rio de Janeiro, Recife e Porto Alegre<sup>11</sup>, com artistas advindos dessas regiões. Também foram realizadas, além dos *shows*, entrevistas *in loco* com artistas que já moraram nessas regiões, agentes sociais e moradores. A proposta editorial do programa era apresentar a produção cultural emergente em tais localidades e mostrar como ela é valorizada em seu contexto de origem, independente das dificuldades que enfrentam para alcançar a grande mídia.

O panorama atual em que está situado esse debate se mostra marcado pelas discussões relativas aos critérios de valorização e julgamento das práticas culturais desses grupos com relação à cultura dominante. Somado a isso, destaca-se um contexto atual de ampliação da visibilidade midiática concedida a esses grupos culturais tematizando não somente suas produções e o sucesso alcançado por elas, mas também a leitura que esses grupos têm do quadro social (PRADO, 2013). A partir dessas informações sobre o conjunto das emissões e o contexto que as envolve, buscamos compreender como é organizada a situação pelos interlocutores na emissão “*Minha Periferia: o Morro de São Carlos, no Rio de Janeiro*”, que tem duração de 10 minutos e 28 segundos.

## 6. Análise

O episódio selecionado faz parte de um conjunto de emissões que conta com a participação de “convidados especiais”, pessoas originárias das regiões visitadas que alcançaram sucesso e reconhecimento profissional. Alguns desses convidados são: o boxeador Popó, os cantores Elza Soares e Buchecha, o ator Tiago Martins e, na emissão analisada, o cantor e compositor Luiz Melodia.

Num breve resumo desta emissão, notamos que há o cruzamento da entrevista de Luiz Melodia com entrevistas realizadas com diversos moradores da região. Na interação entre Regina Casé e Luiz Melodia, o objetivo é estabelecer uma narrativa biográfica sobre a infância e início de sua carreira do compositor, época em que ele

<sup>10</sup> O projeto foi idealizado pela produtora Pindorama Filmes que pertence à atriz e apresentadora Regina Casé, ao cineasta e diretor de televisão Guel Arraes e ao antropólogo Hemano Vianna.

<sup>11</sup> Também foram realizados shows em Belém do Pará e Salvador.



viveu no Morro do São Carlos. São lembradas histórias dessa época, o início do trabalho de composição musical, as musas inspiradoras, os lugares de encontro, as influências do ambiente em sua produção musical e discute-se o papel do samba enquanto “voz do morro”.

Nas entrevistas com os moradores, são apresentadas peculiaridades do local, como o “banco do saco murcho”, lugar onde vários senhores se reúnem ao descerem do ônibus para descansar antes de continuar a subir o morro ou pegar moto táxi; as roupas curtas e decotadas das garotas da região, a vaidade dos moradores que chega a lotar os salões de beleza nos fins de semana e a produção musical dos MCs.

Neste episódio são cruzadas duas linhas que dão a orientação geral da narrativa da emissão: apresentação do ambiente e suas particularidades (tomando como foco o mundo do trabalho, do lazer e o cotidiano nas entrevistas com os moradores) e a reconstrução do ambiente pelas lembranças de Luiz Melodia.

Na relação com Luiz Melodia, os elementos ambientais são, majoritariamente, colocados em relevo e significados na organização da situação a partir da sua experiência com o ambiente. É um momento de construção do ambiente pela recordação. Já nas interações com os moradores do morro, a temática que as organiza é a vida cotidiana, suas experiências, dificuldades, prazeres, gostos e usos dos elementos ambientais disponíveis. Pode-se dizer que esses momentos são a atualização das percepções do que constitui a vida cotidiana nas regiões consideradas periféricas. Se a interação com Luiz Melodia é a narrativa do passado como participante da construção do presente, com os demais entrevistados se busca apreender desse momento presente uma atualização das percepções, a “cor local”.

Dessa forma, a organização do ambiente na emissão é comum a esses dois momentos de interação e revela o ponto de intersecção entre essas duas relações. Através da análise desses exercícios de organização, encontraremos recorrências, representações sociais instituídas e elementos e temas que, ainda que possuam forte poder de afetação e chamem os interlocutores à tematização, são negligenciados ou reconfigurados.

### *a) A organização do ambiente: o Morro de São Carlos*

Se a organização do ambiente tem como característica principal dar estabilidade para o posicionamento dos interlocutores e facilitar a leitura da situação, nesta emissão isso se evidencia pela recuperação de imagens já fixadas sobre essas regiões ao enquadrá-las. Aparecem na emissão imagens de casas em tijolos, lajes, vielas, paredes descascadas, terra batida, ruas sem pavimentação, centenas de fios cruzando o primeiro plano dos quadros, crianças descalças e mulheres vestidas sumariamente.

Embora essas imagens tenham sido construídas a partir de referências

bastante estigmatizadas dessas regiões, há um tratamento cuidadoso das imagens e do encadeamento delas, trazendo certa leveza e harmonia estética, fugindo das expressões de tristeza ou sofrimento que poderiam suscitar. Ao contrário disso, apesar de mostrarem imagens fortes, dado o *affordance* que seus elementos possuem, o foco de atenção é transferido para as ações empreendidas pelos indivíduos que aparecem na tela. Tais ações se mostram atividades rotineiras como lavar roupas, atravessar a rua, carregar sacolas, pegar moto táxi, cortar cabelo, cuidar de crianças e conversar com amigos (como o “banco do saco murcho”). Por esse movimento é evidenciado um âmbito da vida que foge àquilo que atrai as coberturas noticiosas, dando destaque ao cotidiano no Morro. Realiza-se então uma contextualização das imagens que acaba por destacar outras características e atribuir certa leveza e simplicidade ao ambiente. Assim, desliza-se da interpretação já instituída dessas imagens como representação da pobreza material para instigar uma leitura que privilegie a dimensão cotidiana e prosaica das ações empreendidas nesses quadros.

Somado a isso, aparece uma sucessão de imagens destacando elementos ambientais do Morro de São Carlos com o objetivo de evidenciar as especificidades desse morro diante das demais regiões visitadas ao longo do *Minha Periferia*. Enquanto Regina Casé introduz a emissão citando “a maior fila para descolorir o bigode, o menor short do mundo, o mais jovem sorveteiro do país, o pagode do diabético, a caixa d’água mais panorâmica da cidade...” (REGINA CASÉ, 0’13”, *Minha Periferia: morro do São Carlos, Rio de Janeiro*, 2006) aparece na tela um fluxo de imagens cadenciadas, ilustrativas de suas falas: o Cristo Redentor atrás de um emaranhado de fios, uma pequena barbearia bastante precária, um close no quadril de uma garota vestindo um short curto branco, um menino atrás de um balcão com tubos de cobertura de sorvete atrás de si, um conjunto de pessoas cantando e tocando tambores e rindo juntos e um plano panorâmico da cidade do Rio de Janeiro.

Ao usar do superlativo, supõe-se que tais características sejam comuns a um coletivo mais amplo, o universo das “periferias” brasileiras. Desse modo, os elementos destacados têm relevância na medida em que comunicam a existência de um contexto maior que os abriga, uma realidade comum a outros grupos. Temos assim a introdução de um ambiente — um terreno comum, com temas, materialidades e *affordances* — que serve de arena para o desenvolvimento da situação na qual se tecem as entrevistas.

## *b) A entrevista com Luiz Melodia:*

Nessa interação, tenta-se reconstruir a memória com o intuito de traçar paralelos entre a história de vida e a experiência de morador de Luiz Melodia. Esse movimento se dá pela “exposição” do cantor ao ambiente onde ele vivia, buscando lembrar cenas, eventos e momentos de sua carreira e, com isso, trazer à baila sua percepção desse

ambiente construída no passado e confrontá-la com a sua percepção atual.

O início da trajetória da vida do cantor é demarcado por um retorno às origens, sinalizando, inclusive, certo caráter hereditário no talento do compositor, ao fazer referência a seu pai. Isso ocorre a partir do destaque dado a um elemento ambiental: a placa “Rua Oswaldo Melodia”. Nesse momento, Regina Casé aponta para essa placa na parede e direciona o olhar da câmera ao dizer:

*Regina Casé: rua Oswaldo Melodia, esse Melodia que está aí, da placa da rua que deu o nome à rua aqui do Morro de São Carlos, foi o sambista Oswaldo Melodia, pai desse outro Melodia aqui [abertura do quadro, mostrando Luiz Melodia], que herdou a melodia não só no nome mas na vocação para a música. (REGINA CASÉ, 0’39”, Minha Periferia: morro do São Carlos, Rio de Janeiro, 2006)*

A rigor, dificilmente essa placa poderia chamar atenção ou ser considerada elemento forte, dotada de *affordance*. É no seio dessa interação que ela ganha relevância, convoca as associações e é colocada em relevo. Assim, confere-se destaque àquilo que aciona a memória e reaviva as lembranças do compositor. É o acionamento dessa memória quase tátil do ambiente onde ele se encontra que vai guiar a reorganização da sua memória do morro.

Esse regime de articulação passado/presente não ocorre apenas na elaboração das falas da apresentadora e do entrevistado, mas também na busca por elementos imagéticos de remissão. Como exemplo disso, apresentamos dois momentos da entrevista: o primeiro ocorre quando Luiz Melodia conta à apresentadora quais brincadeiras gostava, ao que ela sugere sutilmente a pipa. Após esse comentário, ele passa a discorrer sobre o quanto gostava dessa brincadeira. Nesse momento, como que retirando do presente uma representação da memória do entrevistado, mostra-se um garoto soltando pipa em uma laje que Luiz Melodia disse ter brincado. Há aí uma tentativa de associação das cenas de memória evocadas com as imagens exibidas no programa, num movimento tanto de atualização quanto de presentificação de tais momentos.

O segundo momento se dá quando Regina Casé questiona sobre os sentimentos que ele guarda do morro na sua memória, insinuando que suas lembranças são bastante românticas. O entrevistado se apressa em dizer então que sente nostalgia dessa época em que não havia o risco da “bala perdida”. Há, nessa leitura do ambiente, mais uma confrontação entre o passado e o presente e a remissão a uma imagem que, embora não seja excluída ou apagada do programa, não é a construção preferencial.

Aliás, tanto essa abordagem pelo viés da violência não é a preferencial da emissão que, muito embora ela apareça na fala do entrevistado, ela não é levada a cabo nem problematizada pela apresentadora. Ao contrário disso, sucede-se um corte da

cena para outro momento da interação que tematiza os relacionamentos amorosos, distanciando assim da problematização da violência.

Em tal cena, Luiz Melodia explica que cada beco ou “quebrada” eram verdadeiros “matadouros”. Em seguida, o compositor articula, junto de Regina Casé, um “todo contextual” pontuado pela recordação do romantismo de tal época e as expressões positivas associadas a esse lugar pelo entrevistado (“era maravilhoso”, “eu era o gostosão da parada”) nos conduzem à interpretação de que os esses “matadouros” eram os lugares preferenciais para os encontros furtivos por serem escuros e estreitos. O *affordance* desses corredores e cantos, para Luiz Melodia, está em consonância com a volúpia dos amantes. Desse modo, um elemento ambiental pinçado pelos interlocutores ganha sentido pelas suas características ambientais, bem como pela sua contextualização.

Além disso, conforme expressam os interlocutores, entende-se que não só o ambiente afeta a constituição dos indivíduos como também os indivíduos agem sobre esse ambiente. Isso se torna explícito quando Regina Casé, ao conhecer a casa onde Luiz Melodia escrevia suas composições, afirma que ali há de ter muito “axé”, como vestígio do início da sua carreira de compositor. Essa fala da apresentadora é exemplar da compreensão de que o cantor também imprimiu suas marcas no ambiente, interferindo e atuando na constituição dele.

Num outro momento, em que se começa a tratar da relação do samba com as novas formações musicais, especialmente o funk, temos uma organização interessante do ambiente e da interação promovidas pela apresentadora, Luiz Melodia e os convidados MC Sibrum e MC Novinha. Nesse momento, podemos, inclusive, observar como a organização do ambiente simbólico em que se inscreve a situação é atravessado pelas tensões contextuais. Os elementos colocados em xeque nesse momento são o lugar das práticas culturais contemporâneas (citando o funk), com relação às práticas tradicionais (no caso, o samba).

Essa composição se dá em dois momentos: quando Regina Casé apresenta o compositor a MC Novinha e a MC Sibrum, e ao conversar com ele sobre o lugar ocupado pelo samba e pelo hip-hop na veiculação da “voz do morro”. No primeiro, Luiz Melodia dança junto com os MCs a música “Beijoquinha” e a cena é interrompida por Regina Casé para que ela os apresente ao compositor. Depois disso, Regina Casé comenta:

*Regina Casé [olhando para Luiz Melodia]: não tem a “Velha Guarda”?  
Então, a Novíssima Guarda... [apontando para os MCs]  
Luiz Melodia [sorrindo]: a Novíssima Guarda!  
Regina Casé: a Novíssima Guarda do Morro do São Carlos! MC Sibrum e  
MC Novinha! [a apresentadora enfatiza “novíssima”]  
(REGINA CASÉ, LUIZ MELODIA, 8’40”, idem)*

Além da fala categorizadora de Regina Casé, a dinâmica dos corpos durante a dança e a performance dos interlocutores nos comunicam o posicionamento e as hierarquias que se estabelecem entre os músicos. É formado um círculo — formação bastante próxima do tradicional samba de roda —, em que Luiz Melodia requebra, samba, bate palmas no compasso de samba e simula um pandeiro com as mãos, apesar da música cantada pela MC Novinha ser um funk.

Se num primeiro momento a atitude do compositor pode parecer disfuncional para a música e o contexto que envolve a emissão, mais detidamente percebemos ser uma demarcação de hierarquia e autoridade na organização da interação. Ele, como convidado especial, reconhecido compositor e cantor, colocado como participante do grupo que a antecede, orquestra a situação conforme sua perspectiva e reafirma seu posicionamento diante de MC Novinha. A funkeira continua a música em seu ritmo, demarcando o seu lugar, mas é posicionada como um elo fraco na interação, pois, além de não ser entrevistada, o julgamento de valor e definição do lugar do samba com relação ao funk será dado, em seguida, por Luiz Melodia, quando Regina Casé lhe questiona:

*Regina Casé: você acha que o samba ainda é a voz do morro? [ênfase no ainda]*  
*Luiz melodia: com certeza e sempre será, né? ô Regina... Quem disse que não?*  
*Regina Casé: não, mas, por exemplo, quando você chega agora... os garotos gostam todos de hip-hop e eles falam: hip-hop é a voz da periferia.*  
*Luiz Melodia: mas existe a antiguidade, e antiguidade é posto. Então o samba é O Cara, né? [ênfase em "O Cara"] [ambos riem]*  
*(REGINA CASÉ E LUIZ MELODIA, 9'15", idem)*

Estabelece-se então um embate: Regina Casé questiona os fundamentos do critério que define qual prática é a “voz do morro” a partir de uma ótica geracional (especialmente ao falar em “velha” e “novíssima guarda”) e, em alguma medida, pela posição dos praticantes e consumidores concernidos. Luiz Melodia adota como critério o *status* adquirido com o tempo e o reconhecimento advindo do cenário onde a prática se inscreve.

O movimento realizado pela apresentadora aparece enquanto questionador dos fundamentos que sustentam o valor e o lugar das práticas, inclusive sinalizando para uma possível fase de transição e emergência de novas “guardas” e outros critérios. Mais do que isso, esse embate entre os critérios acionados pela apresentadora e pelo compositor sinalizam que, apesar de se perceber a emergência de novos elementos e certa movimentação nessa ambiência, a valorização e reconhecimento das práticas dependem não somente da prática em si, nem da força e apoio de seus praticantes, mas também do acolhimento e reconhecimento por parte das práticas já constituídas.

Após essa intervenção, o episódio é finalizado pelo entrevistado com a fala “Morro de São Carlos, Estácio, *Minha Periferia*”, mantendo a desejada ambiguidade da frase, e com um convite de Regina Casé destinado aos telespectadores para as próximas edições.

c) *As entrevistas com moradores do Morro de São Carlos*

As interações entre Regina Casé e os moradores guardam um caráter exploratório de apreensão e percepção das características do modo de vida, das práticas culturais, da relação com o ambiente e das táticas desenvolvidas para a solução de problemas. O modo de apresentação desses elementos se dá pela entrevista de algumas pessoas que moram na região enfocando o cotidiano. O primeiro entrevistado é Zeca da Cuíca, um senhor idoso, que se emociona ao ouvir uma das canções de Luiz Melodia. Regina Casé lhe questiona sobre qual característica ou elemento ele mais aprecia naquela região. Ele cita a facilidade de locomoção pelo transporte de moto táxi, já que as kombis e ônibus não sobem o morro. Em seguida, Regina Casé aborda a questão do transporte público interno nos morros, mostrando como soluções táticas para driblar as dificuldades são desenvolvidas pelos moradores. Além do moto táxi, invenção recente, a apresentadora mostra o “banco do saco murcho”, fundado em 1986, pelos moradores, para que eles pudessem descansar ao descer do ônibus antes de subir o morro. Isso sinaliza a tentativa de evidenciar soluções moldadas de acordo com as necessidades e limitações ambientais.

Outra característica que ganha centralidade em algumas entrevistas é a percepção da vaidade e a criatividade dos moradores na elaboração dos adereços, cortes de cabelo e vestimentas. Isso aparece, primeiramente, quando Regina Casé apresenta “o menor short do mundo”. Ela interpela algumas garotas para falar de seus trajes, comentar reações dos passantes nas ruas sobre o visual delas e pede que “desfilem”, performando um andar sedutor. Em seguida, são mostrados cortes de cabelo que combinam formas, colorações e desenhos inovadores, bigodes e cavanhaques descoloridos e unhas decoradas com flores e desenhos feitos a mão. A fala que explica melhor o processo de adorno do corpo é da manicure Shirlene, entrevistada em seu salão:

*Shirlene: aqui na comunidade as pessoas não quer... vai vim fazer unha tem que sempre sair com uma florzinha, seja velho, criança, qualquer pessoa...*

*Regina Casé: porque ninguém aqui na favela gosta de nada básico!*

*Shirlene: nada básico! (REGINA CASÉ E SHIRLENE, 746”, idem)*

Essa fala, somada às outras que aparecem na emissão sobre o modo de composição do visual dos moradores, permite-nos dizer que o ato de se enfeitar está ligado a uma compreensão do adorno como elemento de atração do olhar do outro. A seleção dos enfeites e os cortes de cabelo têm como foco a busca pela excitação dos sentidos e singularização e destaque em meio aos demais. Esses adereços primam pela opulência de cores e formas e seu *affordance* chama à alegria, à observação e ao desejo. Dessa forma, o valor dos objetos e dos estilos é medido pelo potencial de convocação a esses sentidos, fugindo do “apagado”, discreto, “básico”. Assim, a sensualidade das formas e a atração olhar do outro aparecem como elementos fortes na composição do

lugar dos interlocutores e na orientação de suas ações no desenrolar da situação.

## 7. Apontamentos finais

Ao fazermos essa leitura da construção do ambiente do Morro de São Carlos, podemos dizer que, muito embora ele seja carregado de informações e elementos diversos, essas informações e elementos só passam a fazer parte da constituição da situação na medida em que são integrados e revestidos de sentido pelas ações dos interlocutores. Nesse quadro, os entrevistados atuam reconfigurando, reorientando e construindo sentido *no e para o* ambiente. Quer dizer, ao narrar suas experiências perceptivas do ambiente, povoam de novos sentidos esse ambiente mesmo.

Assim, as interações entre a apresentadora, Luiz Melodia e os moradores da região elaboram um quadro interpretativo para esse ambiente: ao socializar experiências e “surpresas”, reconstituem-se e atualizam-se as leituras do lugar. Ao trazer a biografia de Luiz Melodia para a construção do ambiente, faz-se um alinhavo cultural do lugar, ressalta-se seu potencial de suscitar expressões artísticas e valorizadas socialmente, capazes de compor uma vida entremeada pela experiência com a cultura. Já ao convocar a experiência dos moradores, calca-se na dimensão da vida, do cotidiano e da simplicidade das ações diárias. Faz-se ainda, pelo uso dos superlativos, um exercício de expansão dessa organização ambiental, visando a aplicação dessa leitura para outros ambientes considerados semelhantes.

Com isso, elabora-se uma construção afetiva desse ambiente, que emerge marcado por histórias e vivências, como o lugar do cotidiano, da vida social e das relações mais prosaicas. Exerce-se assim, uma vivificação do lugar com vistas a sensibilizar leituras, promover afetos naqueles que são tocados por essas histórias e experiências.

Podemos dizer então que neste estudo nos conduz ao entendimento de que os ambientes não somente são significativos porque abrigam as interações, mas também porque eles interferem no decurso das ações empreendidas pelos interlocutores e, certamente, participam da construção discursiva. Além disso, esse trabalho acena para uma contribuição de cunho metodológico mais específico para os estudos da comunicação: a compreensão globalizante da situação comunicativa nos auxilia a estreitar os laços entre o discurso imagético e textual na análise dos textos audiovisuais.

## Referências

COHN, Gabriel (org.) *Comunicação e indústria cultural*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1978.

FRANÇA, Vera R. V. *Interações comunicativas: a apreensão da globalidade da comunicação. Comunicação e sociedade 2, Série de Comunicação, Cadernos do Nordeste*. Braga: C.C.H.S, Univ. do Minho., Portugal, v. 14, p. 129-142, 2000.

\_\_\_\_\_. *Paradigmas da comunicação: conhecer o quê?*. Ciberlegenda, Niterói, UFF, v. 5, 2001.

\_\_\_\_\_. Louis Quéré: *dos modelos de comunicação*. Revista Fronteiras, São Leopoldo-RS, v. V, n. 2, p. 37-51, dez. 2003.

GOFFMAN, Erving. *A representação do eu na vida cotidiana*. Petrópolis: Vozes, 1985.

GOMES, Itânia. *Efeito e Recepção*. Rio de Janeiro, E-papers: 2004.

HALL, Stuart. *Estudos culturais: dois paradigmas*. In HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011. p.123 – 186.

HOHLFELDT, Antônio. FRANÇA, Vera R. V. MARTINO, Luiz C. *Teorias da comunicação: conceitos, escolas e tendências*. Petrópolis: Vozes, 2011.

LASSWELL, Harold. *A estrutura e a função da comunicação na sociedade*. In COHN, Gabriel (org.) *Comunicação e indústria cultural*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1978. p. 105- 117.

LAZARFELD, Paul F. MERTON, Robert. *Comunicação de massa, gosto popular e ação social organizada*. In COHN, Gabriel (org.) *Comunicação e indústria cultural*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1978. p. 230-253.

MATTELARD, Armand. MATTELARD, Michelle. *História das teorias da comunicação*. São Paulo: Loyola, 2005.

PRADO, Denise F. B. *Cultura, midiaticização e legitimidade cultural: processos de visibilidade e legitimação das práticas culturais dos moradores de regiões consideradas periféricas no Brasil*. 330f. 2013. Tese (Doutorado em Comunicação Social) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.

QUÉRÉ, Louis. *Construction de la relation et coordination de l'action dans la conversation*, Réseaux, vol. 8, n° 2, p.253-288, 1990.

\_\_\_\_\_. *La situation toujours négligée ?*, Réseaux, vol. 15, n° 85, p.162-193, 1997.

\_\_\_\_\_. *Au juste, qu'est-ce que l'information ?*, Réseaux, vol. 18, n° 100, p.331-357, 2000.

\_\_\_\_\_. *Des miroirs équivoques : aux origines de la communication moderne*. Paris : Aubier montagne, 1982.



\_\_\_\_\_. *D'un modèle épistémologique de la communication à un modèle praxéologique*, Réseaux, vol. 9, n° 46, 69-90, 1991.

WATZLAWICK, Paul. BEAVIN, Janet H. JACKSON, Don D. *Pragmática da comunicação humana*. São Paulo: Cultrix, 1983.